

Os sete pecados da capital



Brasília cede às tentações

VALÉRIA DE OLIVEIRA

Se é pecado o que existe neste quadrilátero do lado de baixo do Equador, cabe aos representantes do Céu julgar. Gulosos, vaidosos, invejosos, preguiçosos, libinosos, orgulhosos e avarentos existem em todo lugar.

Cometer pecados capitais não é um privilégio desta capital do país de Néilson Piquet, acusado de incorrer reincidentemente na soberba. Mas é a cidade onde existe a maior concentração de diabinhos por metro quadrado, tentando a cabeça de filhos de Deus — que o diga o ex-ministro Ricupero.

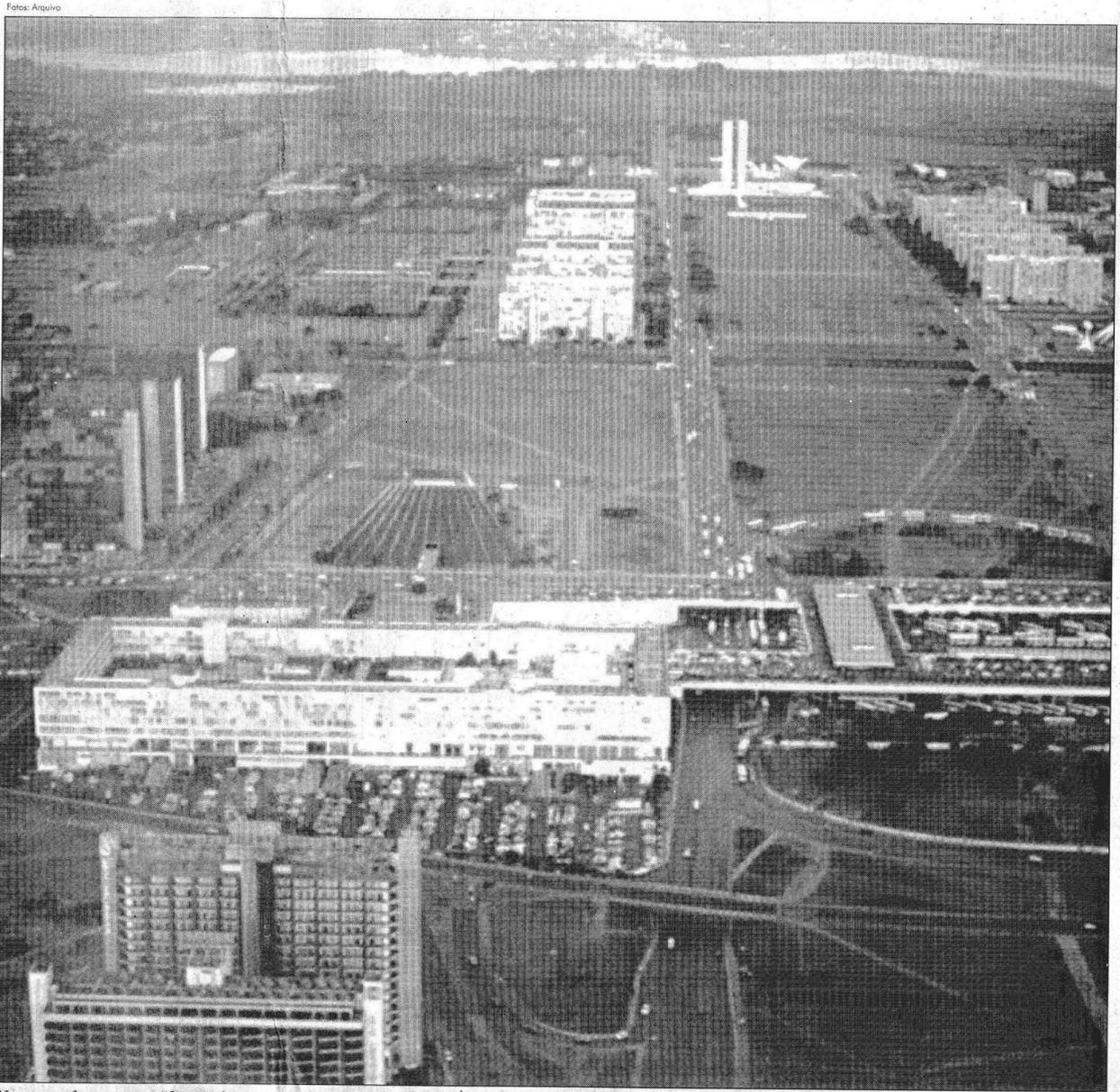
Brasília dos lobbies tem alguns dos pecadores da luxúria escolhidos a dedo pelo Mal. Corte distante do mar, avarenta na qualidade da comida, extorsiva na cobrança da conta, é complacente com os amigos do rei, a quem dispensa constantemente a maresia de cascatas de camarões e lagostas.

Sede do Parlamento, ostenta andares e mais andares lotados de preguiça e equipados até com esteiras, para evitar o uso das pernas em deslocamentos horizontais.

Cidade da maior área verde por habitante do Brasil, é pequena demais para abrigar dois gigantes do mercado imobiliário. Bicudos não se bicam, Paulo Octávio e Luiz Estevão disparam farpas que confundem o céu na hora de anotar o pecado: inveja, soberba ou vaidade?

De yaidade, entendem as mulheres. A da ex-ministra Zélia Cardoso de Melo chegou a atentar contra as determinações climáticas da natureza. Casaco de vison é lindo. O calor do cerrado é que é inclemente.

No mapa dos sete pecados da capital, gafes e escândalos são alguns dos "castigos" pelas orgias de sexo e drogas, que misturam poder e lei com o crime e prostituição. Paradas obrigatórias num tour pelo que este patrimônio da humanidade tem de mais picante, hilário... e humano.



No mapa dos sete pecados, gafes e escândalos são alguns dos "castigos" pelas orgias praticadas, que misturam poder e lei com crimes de corrupção

Luxúria

■ A política é um afrodisíaco na capital do País

Num pequeno apartamento da 212 Sul, o bunker pornográfico de José Carlos Alves dos Santos impressionou pela variedade e pelo tamanho do arsenal. O kit orgia incluía 109 artigos que deixariam o Marquês de Sade vermelho de vergonha.

"Em termos de pornografia, eu nunca vi nada igual", disse, boquiaberto, o delegado Pedro Soares, encarregado de investigar o homicídio da mulher de José Carlos.

Poucos já viram. Eram 31 fitas de vídeo erótico, 13 revistas pornográficas, uma vagina e 15 pênis de borracha, cinco vibradores, camisinhas de língua e raridades obscenas cuja descrição a moral e os bons costumes não recomendam.

Muitos dedos indicadores apontaram, impiedosos, para o homem que escancarou a corrupção no orçamento. Por trás de alguns polegares, havia libidinosos de carteirinha revestidos da casca oca de santos.

Sexo e poder em Brasília formam uma combinação explosiva que já rendeu piadas e escândalos. Henry Kissinger resumiu a poção: "Política é afrodisíaco". A prática mostra que este é um mandamento.

O tráfico de sexo no Congresso Nacional foi constatado pelo repórter Gustavo Krieger, da Folha de São Paulo. Para mostrar o que corriqueira e discretamente acontece nos corredores da Casa do Povo, marcou programas e desvendou o rápido percurso entre a impenitência vertical do Congresso e a lascívia horizontal. Krieger mandou um emissário procurar uma das moças que colhem assinaturas para projetos de lei na Câmara. Ela forneceu uma garota de programa que acabou lhe dando uma entrevista e confessando que já conseguira vários programas no Congresso.

Uma funcionária da liderança do PTB, Maria Betânia Dias, se dispôs a arranjar, a pedido de Krieger, quantas moças ele quisesse para uma festa de empresários e políticos. Forneceu preços e outros detalhes.

Histórias desconcertantes, como a do deputado flagrado nu com uma jornalista nas bananeiras que ornamentam os olhos d'água do Congresso, são comuns nos bastidores da política, que não constam

dos santinhos nas campanhas eleitorais.

Os vizinhos não deixam por menos. Dono de um posto respeitável na Esplanada dos Ministérios, o secretário nacional dos Direitos da Cidadania, Carlos Eduardo de Araújo, foi preso em flagrante num motel. Cocaína, maconha, prostituta e a esposa dividiam o pequeno quarto, num programa que deu uma ressaca eterna.

O escândalo fez o prosaico bilheteiro do infiel Bernardo Cabral, elogiando a sensualidade da minissaia ministra Zélia Cardoso de Melo, parecer uma Ave-Maria. São Bernardo Cabral! Nem tanto...

Avareza

■ Pouco dinheiro gera avareza nos donos do poder local

Pelas vastas free ways de Lúcio Costa, prefeitos e governadores já zanzaram, de pires na mão, pedindo um dinheiro af. Brasília ainda é a capital da avareza. Mas os pires foi aposentado e novas técnicas de abordagem do governo páduro desenvolvidas ao longo dos anos.

Com as chaves do cofre distribuídas apenas no prédio do Congresso Nacional, os lobistas gastam bem menos sola de sapato que os seus chefes consumiam, à procura de dinheiro para estados e prefeituras.

Vizinho avarento — como mandam as piadas de mineiro —, o presidente Itamar arrebita o topete nas negociações do aumento salarial que os servidores pedem. Não entregou o ouro nem para os policiais federais, que depois de quase dois meses de greve voltaram ao trabalho de mãos abanando.

Se por falta, mau uso ou desvio de dinheiro, a saúde, a educação, a habitação e outras prioridades estão à mingua, a cultura vira presa fácil dos mãos-de-vaca.

Perambulando atrás de patrocínio, os artistas já estão pós-graduados na arte de levar não e de ouvir os choramingos governamentais e privados. Marcelo Alves, ator do grupo Ceileiro das Antas, diz que "para abrir a torneirinha e fazer ela gotejar é difícil".

Depois de muito suar, o grupo conseguiu que o Governo do Distrito Federal pingasse algumas gotas numa oficina de teatro que estão desenvolvendo. "O dinheiro vem em duas, três parcelas e mal dá para as passagens de ônibus para vir dar aulas, alimentar a

equipe e ajudar a manter o Ceileiro".

A vida real do grupo de teatro está numa aridez desértica que a avareza do mesmo GDF ajuda a piorar. Ele está sendo despejado pela Fundação Cultural do DF do Teatro da Praça, em Taguatinga.

"Nós tivemos de deixar um imóvel alugado porque o dono vai construir um prédio. Sem ter para onde ir, o Ceileiro não teve dúvida: invadiu o teatro", largado há quatro anos.

Para Marcelo, a avareza é resultado "do descaço do governo com a cultura, principalmente aqui em Brasília".

Luíza Dornas, diretora-executiva da Fundação Cultural se defende. "Olhando no dicionário o significado da palavra avareza, acho que ela não pode ser empregada ao GDF."

Salienta que o pecado do apego exagerado ao dinheiro não pode estar sendo cometido pelo governo porque "falta o objeto do apego. Não temos dinheiro". E arremata, usando um versinho popular: "Barriga vazia não faz poesia."

Luíza observa que "infelizmente, a cultura ainda não é prioridade. Educação, saúde e moradia estão na frente da fila", argumenta.

Gula

■ Come-se bem mas é preciso abrir o bolso na capital

A julgar pelo paladar do deputado Delfim Neto (PPR-SP), um dos gourmets mais respeitados do País, os pecados capitais de Brasília parariam no sexto. "É impossível se cometer o

pecado da gula em Brasília. Desse mal, não se morre na capital".

Ao longo da história, a gula e a corte sempre comeram no mesmo prato. Na decadência do Império Romano, por exemplo, nobreza e adjacências se enveredavam por orgias gastronômicas. Olho maior que a barriga, im-

perador e amigos chegavam a enfiar uma pena na goela para vomitar e liberar espaço para mais comida.

Já a "corte" do Brasil está longe desses excessos. "Os restaurantes da cidade, além de não estimular, são um verdadeiro breviário contra a gula", diz Delfim. O problema, analisa, é que "a cidade não tem demanda".

Compreensivo, o deputado ressalta que "o pessoal até que se esforça para melhorar o serviço, mas os restaurantes apenas dão para o gasto". Na trilha do mais ou menos, sem o Massimo ou o Leopoldo no caminho, ele, que se diz, "um gato que come sempre no mesmo lugar", ziguezagueia entre o Florentino e "aquele do PMDB, o Piantella".

O presidente do Sindicato dos Bares, Restaurantes, Hotéis e Similares, César Gonçalves, defende o peixe dos seus filiados. Observa que Brasília é a quarta cidade do Brasil em termos de comida, perdendo para Rio, São Paulo e Belo Horizonte.

Gonçalves contesta as críticas de preços extorsivos. "Come-se em bons restaurantes aqui por R\$ 15 a R\$ 40, incluindo as bebidas. Em São Paulo, o preço varia entre R\$ 60 e R\$ 70".

A comparação abre distância, quando sai da mesa e vai perfil dos consumidores. "Em São Paulo, eles têm muito dinheiro. Aqui, têm mais ou menos dinheiro. A concentração é de classe média".

Na sua avaliação, frequentador de restaurante de luxo na corte ou é patrocinado por empresas e órgãos públicos ou é aquele que vai para fazer algum tipo de comemoração. "É difícil ter alguém que habitualmente vá a restaurantes luxuosos". Pelo menos por sua própria conta.

Com 10 mil estabelecimentos — 6.500 deles cadastrados, mas não classificados entre bares e restaurantes —, César Gonçalves argumenta que a cidade é nova e ainda não tem tradição no ramo.

Vaidade

■ Na cidade, quem se exhibe vira piada ou cai nas malhas do Leão

A vaidade já fez suas vítimas. Para muitos pecadores, a vingança vem a cavalo. Literalmente, no caso de Maria Ignês Nogueira, esposa do cardiologista Cid Nogueira.

Numa festa anual, chamada *Uma Noite em Hollywood*, na qual os convidados deveriam ir caracterizados, Ignês exagerou. Chegou montada num cavalo da Granja do Toito do general Figueiredo e atirando para cima.

Chamou a atenção. Já a pé, a socialite se esqueceu de cuidar da condução. O cavalo comeu a mesa de frios e, de sobremesa, se deliciou com as orquídeas do jardim da dona da casa, Moema Leão.

No caderninho do colonista Marcone Formiga, nomes da alta sociedade estão lotados em listas de gafes e vexames.

O vison parece não gostar mesmo do Planalto Central. Na pele da ex-ministra Zélia Cardoso de Melo, ele rendeu espantos, piadinhas e ironias. Além de brigar com o calor tropical, o fruto do sacrifício de um animal não combinava em nada com a recepção ao príncipe Charles, ecologista de carteirinha.

O irmão mais famoso do Brasil, Pedro Collor de Melo, revelou no seu livro *Passando a Limpo*, que a canapiense Rosane Collor não se entendia com esses trajes finos da corte. Contou, eufórica, que tinha recebido de presente do marido uma "pistola" de pele.

Ana Maria Gontijo também já deu as suas gafes. Dotada de uma distração que já fez fama na cidade, ela foi a uma requintadíssima recepção no Itamaraty bem vestida e bem calçada para a ocasião.

Esqueceu-se de um detalhe: os sapatos, italianos legítimos, estampavam uma cor em cada pé. O modelo era igual, só que um era preto e o outro marrom.

Iguais — sem dever, aliás — eram os trajes de duas vaidosas senhoras da sociedade. Joice Cardoso e Sônia Ghisi usaram, por azar, o mesmo modelo numa recepção.

Depois de passarem pelo constrangimento de ficar parecendo dupla sertaneja, fizeram um pacto. Toda vez que uma fosse vesti-lo telefonaria avisando a outra.

O deslumbramento de recém-chegados ao poder já fez escola na corte. O ex-ministro e amigo dos cachorros,

Sexo e poder em Brasília formam uma combinação explosiva que já rendeu piadas e escândalos em todo o País



José Carlos Alves dos Santos: luxúria



Delfim Neto: dificuldades com a gula



Zélia Cardoso de Melo: vaidade

Os sete pecados da capital



Antônio Rogério Magri, trocou o look sindicalista pelas gravatas Hermès e ternos bem cortados.

A vestimenta não escondia a origem. Em fins jantares no restaurante Florentino, ladeado pela fina flor alagoana, Magri dispensava os guardanapos e limpava a boca na toalha da mesa.

A corte já foi primorosa em grandes e suntuosas festas. Hoje, diz Formiga, elas acabaram. Nos tempos pré-Osires Lopes Filho, havia uma disputa em qualidade de champagne, caviar e na idade dos úsques.

"Depois que o diretor da Receita Federal começou a ler colunas sociais com lupa, procura-se esconder os sinais exteriores de riqueza". Ele conta que, antes, quando colunáveis iam esquiar na Suíça, faziam questão de aparecer nos jornais.

"Agora, eles vão, não falam nada e, na volta, se a gente perguntar, dizem que estavam na fazenda". Saíram dos primários pecados capitais para violar um dos 10 supremos mandamentos de Deus: "Não mentiras".

Preguiça

■ No Congresso, nem o Regimento Interno impede as faltas

Se existe um monumento à preguiça no Brasil, ele é um prédio vertical e está em Brasília. São dois edifícios de 26 andares cada um, mais quatro anexos, onde trabalham doze mil pessoas, o equivalente a mais de doze vezes a população da cidade de Borá (SP).

Trabalhar é força de expressão. A grande maioria dos quase 600 chefes, deputados e senadores, na verdade deixa de ir trabalhar. O deputado Chico Vigilante (PT-DF) é taxativo: "Se o Regimento Interno fosse cumprido, um terço dos deputados já teria sido cassado".

O Regimento determina que um parlamentar não pode faltar a mais que 30% das sessões. Mas um mecanismo de abono de faltas evita que os gazeteiros

sejam punidos. Como justificativa, vale ir ao médico ou visitar as bases.

Abonos — O primeiro secretário da Mesa Diretora da Câmara, Aécio Neves (PSDB), se encarrega da tarefa. "Ele é um dos que mais faltam", dispara Vigilante. "Acaba abonando as próprias faltas", deduz.

Com uma verdadeira cidade à sua disposição, equipada com três agências bancárias, oito restaurantes, três companhias aéreas, alguns deputados se recusam, terminantemente, a comparecer ao trabalho.

Dois deles exageraram na dose. Em 1989, a mesa diretora cassou os parlamentares Mário Bouchardet (PMDB-MG) e Felipe Cheidde (PMDB-SP). Até o dia da cassação, 1º de junho, Bouchardet, o maior usineiro de Minas, não tinha comparecido a nenhuma sessão daquele ano.

Dotado de uma prerrogativa distante dos trabalhadores brasileiros, a de faltar 61 vezes anualmente, ele se ausentou em 65 sessões. Vice-campeão de faltas, Cheidde, empresário da construção civil, cabulou 62.

Eleitos por 100 mil pessoas cada um, nenhum dos dois assinou a Constituição de 1988. Faltaram à sessão solene. "Tenho mais o que fazer do que ficar ouvindo bobagens", dizia, à época, Bouchardet, quando cobravam sua presença no trabalho.

"Estamos moralizando o Congresso", declarou o então presidente da Câmara, Paes de Andrade, ao conceituar as cassações. A imprensa ressaltava o ato de coragem do Congresso de "acabar com uma das mais irritantes mazelas da vida parlamentar", conforme publicou a revista *Veja*. Quem dera!

Quase cinco anos depois, Nelson Jobim (PMDB-RS), constatava que a Re-

visão Constitucional havia falecido por absoluta falta de deputados para votar as mudanças da Carta de 1988.

Os partidos de esquerda compareciam ao Congresso, mas desapareciam do plenário, evitando que a direita, ausente, mudasse o que eles não queriam. Mas numa quinta-feira à tarde, boa parte do quórum da Revisão estava mesmo era no aeroporto de Brasília, voando para seus estados.

A repórter Ângela Romito e o fotógrafo Ivaldo Cavalcante, do **Correio Braziliense**, enfrentaram algumas grosserias ao flagrar os parlamentares antecipando o fim de semana.

Os funcionários do aeroporto informaram que o movimento, na noite anterior, de quarta-feira, foi bem maior. Era o motivo de o plenário da Revisão ter ficado às moscas.

Aberta a temporada de caça aos votos, as poucas

almas vivas da Revisão desapareceram. A campanha eleitoral esvaziou o já não tão cheio local de trabalho dos deputados que ganham, por mês, R\$ 4.080,00.

Descontados o Imposto de Renda e a contribuição para o Instituto de Previdência Parlamentar, sobram quase dois salários mínimos por dia. Mesmo ganhando muito bem, os deputados não têm pressa.

Até agora, o orçamento deste ano não foi votado. Com oito meses de atraso, ele certamente terá de esperar, ainda, o dia da eleição passar. A Medida provisória do Plano Real e a Lei de Diretrizes Orçamentárias também esperam a visita dos parlamentares para a sua apreciação.

A cena de uma infinidade de cadeiras vazias no imenso plenário já é uma marca do Congresso. "Tem deputado que, se não usar **bottom**, é barrado pela segurança na entrada do plenário, porque ninguém o conhece", comenta Vigilante.

Se por falta, mau uso ou desvio de verba, outras prioridades estão à mingua, a cultura vira presa fácil dos pão-duros

"No meio do mandato, eles ainda estão perdidos dentro da Casa, não sabem onde fica nada, porque quase não vêm aqui", revela o caxias petista.

O deputado, cuja base é Brasília, é um dos mais entrevistados pelos jornalistas nessa entressafra piorada pelas eleições. Um dos poucos a circular pela Câmara, é irônico ao responder quem falta mais, se a direita ou a esquerda. "A esquerda, porque tem mais gente pra faltar".

Vigilante pediu a lista dos mais faltosos desta legislatura, mas ainda não foi atendido. Concorde que há "enrolação" para despachar este tipo de pleito.

Tilden Santiago (PT-MG), em campanha no seu estado, disse à sua assessoria que não conseguiria essa lista de Gasparzinho porque "é guardada a sete chaves".

Que o céu não seja tão enérgico com os congressistas, porque se levar em conta a cumplicidade no pecado da preguiça, sobrarão poucos políticos no Reino dos Céus. Até porque, além deste, muitos deles têm pecados bem mais cabeludos a pagar. Clemência!

Soberba

■ Piloto dispara nas pistas mas derrapa sempre no bom humor

Certamente, ele não é o único. Comem o pecado da soberba todos aqueles que se acham melhor que os outros. Os orgulhosos estão na lista de Deus para acertar as contas mais tarde, depois da morte...

Mas Nelson Piquet encabeça muitas listas aqui mesmo, na Terra. As mais famosas são as dos jornalistas que fazem a cobertura da Fórmula-1. Homenagearam, muitas vezes, o tricampeão, condecorando-o com o troféu limão.

Piquet tem e cultiva muitos desafetos. O locutor esportivo Galvão Bueno o define assim: "Nas pistas, um gênio. Fora delas, um idiota". O piloto provocou o desabafo de Galvão, quando disse que assistia às corridas de Fórmula-1 sem som, para não ouvir as besteiras que o locutor global falava.

Galvão reivindica um pouco mais de respeito de Piquet e diz que já fez por merecê-lo. "Eu sempre achei o Senna mais piloto que o Piquet", confessa. Mas, ressalva que "em respeito ao fantástico piloto que o Piquet sempre foi" dizia que essa era uma comparação que não se devia fazer.

Num artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, Piquet ironiza a entrevista em que Galvão fez as declarações. "Dessa vez, de volta ao Brasil, ouvi o Galvão", escreve o piloto. Pondera que o locutor estava "bem eficiente, se preocupou em dar os tempos de volta dos que estavam lutando pelas primeiras posições".

No final, alfineta: "Só precisa parar de chamar o Panis de Paní e o Comas de Comá. Os dois nomes, Galvão, tal qual o Hermes, são nomes franceses que se pronunciam com 's' ". Vai mais longe e comenta: "Mas também tá perdoado, já que na França o pessoal chama você de Buenô".

Para outro desafeto, o colunista Marcone Formiga, o problema é que Piquet acha que "o fato de ser tricampeão mundial o isenta de ser humilde e tratar com respeito seu semelhante".

Já em outras situações, Marcone julga que o piloto não incorre no pecado da soberba. "Ele é o terror dos vendedores de sapato, porque, desde que fez a operação no pé, usa números diferentes de calçado".

Formiga explica que o tricampeão "pede para descer muitos pares e, na confusão, pega um de cada número, pra não ter de comprar dois pares". O pecado de Piquet, de acordo com seu juízo, é outro.

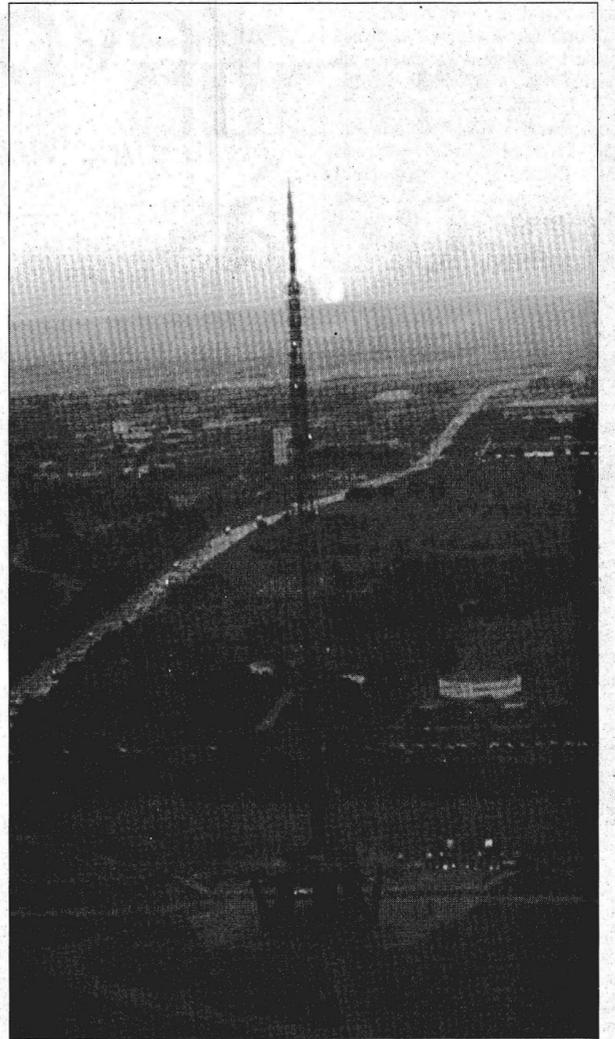
"Ele tem inveja do Paulo Octávio e do Luiz Estêvão. Um amigo comum me disse isso". Segundo essa versão, Piquet saiu daqui e, quando voltou, "pensando que era muito superior, viu que se se comparasse as fortunas, a dele seria brindeira".

Impiedoso, Formiga diz que o piloto se sente "inferiorizado" perante os dois amigos. "Enquanto Paulo Octávio e Luiz Estêvão se tornaram grandes empresários, ele é "apenas um vendedor de pneus, um borracheiro".

"Anfitrião desatencioso, que boceja e arrotar durante os jantares", no conceito do colunista, Piquet "tem pouco preparo para o convívio social".

Formiga cita, indignado, o episódio da homologação da separação judicial do piloto. "Lá no fórum, ele se irritou com os fotógrafos, que estavam cumprindo um dever profissional e passou a agredir-los".

Wanderlei Pozzembom



Apesar do espaço, Brasília é pequena para os gigantes do mercado imobiliário

Em defesa de Piquet sai sua secretária Carmem Gerin. "Ele não é troféu limão. É muito bem humorado. Apenas não gosta que se intrometam na sua vida", observa.

Para Carmem, o piloto "é muito mal interpretado". Ela entende por que Piquet se irrita com os jornalistas. "Tem cada pergunta burra sobre Fórmula-1..."

Demonstrando ter o gênio do piloto, a secretária acrescenta: "A pessoa quando se propõe a ser jornalista de determinado esporte, tem que saber fazer as perguntas. Acho que não deviam se meter a fazer o que não sabem".

Piquet, procurado três vezes pelo **Correio Braziliense** estava viajando.

Inveja

■ A Corte se diverte com a antropofagia dos príncipes regentes

Até os pesos-pesados da Fiesp já se interessaram pela disputa. A badalada Consuelo Badra confidenciou que três empresários presentes a uma festa no Gallery queriam saber tudo sobre a briga entre Paulo Octávio e Luiz Estêvão.

Cada round da disputa entre Paulo Octávio e Luiz Estêvão faz a corte delirar. O jornalista Sebastião Nery lembrou Voltair para comentá-la.

"Voltaire dizia que a desgraça da corte era a briga entre seus príncipes. Aqui, a corte, que andava muito triste, está se divertindo".

O ex-senador Pedro Teixeira concorda. Brasília se diverte com a "antropofagia crítica dos príncipes regentes".

Compara o pega dos dois com a estória mitológica da cobra que come o próprio rabo. "O problema é saber onde está a cabeça da cobra".

Paulo Octávio e Luiz Estêvão se conheceram no Ciem, na década de 60. No começo, disputavam garotas, a amizade do líder da turma, Fernando Colador de Melo e a dianteira nas notas.

Os garotos cresceram e viraram homens ricos e poderosos. A disputa também cresceu e se tornou de gente grande. Passaram a se desafiar para ver quem era mais amigo do então rei, Fernando Colador. Fina a era **collorida**, se pegaram por causa da hegemonia no PRN local.

Paulo Octávio acusa Estêvão de ter infiltrado funcionários do Grupo OK na

direção do partido. Estêvão diz que Octávio decidira-se pelo desligamento e, rejeitado pelo PFL, resolveu voltar atrás.

O **big boss** do OK argumenta que, já que o inimigo se retirara do campo, ele entrou. Isso depois de ter sido convidado, ressalva.

Paulo Octávio quer saber por que as empresas Moradia e Saenco estão construindo obras do metrô sem licitação. Estêvão retruca que "são denúncias tão idiotas e irresponsáveis que nem merecem resposta".

Duas fortunas difíceis de calcular, de milhões e milhões de dólares, eles ameaçam ir às barras da Justiça e trocam gentilezas nos jornais. "Ele é nefasto", disse Paulo Octávio, atribuindo ao inimigo a prática de trocar votos por panels.

"Ele tenta aparecer como vítima, mas é um incompetente, um idiota", revidou o desafeto, no tiroteio por causa do PRN.

Muitos já tentaram apaziguar a guerra. Em 1991, um amigo promoveu um encontro entre os dois bicudos. Almoçaram no Kubitschek Plaza, do império Paulo Octávio. Luiz Estêvão concordou com a seara, mas chegou 35 minutos atrasado.

Conversaram por três horas, juraram amizade eterna, brindaram com champagne. No final, Paulo Octávio dispensou a conta, "já que almoçamos no meu hotel". Pediu ao novo amigo: "Luiz, você deixa a gorjeta pro garçon".

Uma incursão nos bolsos do palete e da calça e Estêvão descobriu que estava

a zero. "Dá pra saber quem é o Tio Patinhas", disse Paulo Octávio. A briga recomeçou.

Os dois seguem brigando vida afora. Outro round já está marcado para 1998. Ambos desejam a cadeira número um do Palácio do Buruti. Até lá, com certeza, muitas farpas e alfinetadas terão passado por debaixo da ponte.

A platéia, às vezes, joga lenha nessa fogueira das vaidades, onde os pecados se confundem. "Nunca vi jogada de **marketing** mais perfeita", provoca Wigberto Tartucce, outro gigante do ramo onde reinam os dois desafetos. "Jogada de **marketing** p. nenhuma", rebate Paulo Octávio.

Mais prudente, o ministro chefe da Casa Civil, Henrique Hargreaves, sai pela tangente. "Em festa de nambu, já pela tangente". "Em festa de nambu, já pela tangente". Consuelo Badra se diz "horrorizada com a baixaria, que já está chegando ao campo do constrangimento para toda a sociedade brasileira".

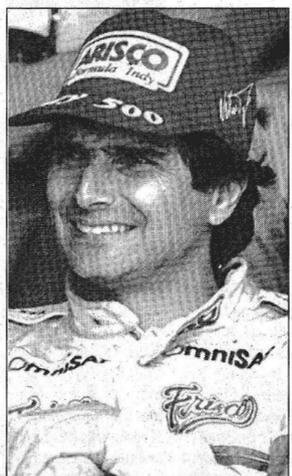
Badra receita: "É preciso pôr panos quentes nesse fuzuê". Quem se habilita?



Enquanto muitos deputados faltam às sessões do Plenário, os problemas continuam por resolver do lado de fora



Paulo Octávio: desafeto de Luiz Estêvão



Nelson Piquet: acusado de soberba



Luiz Estêvão: desafeto de Paulo Octávio